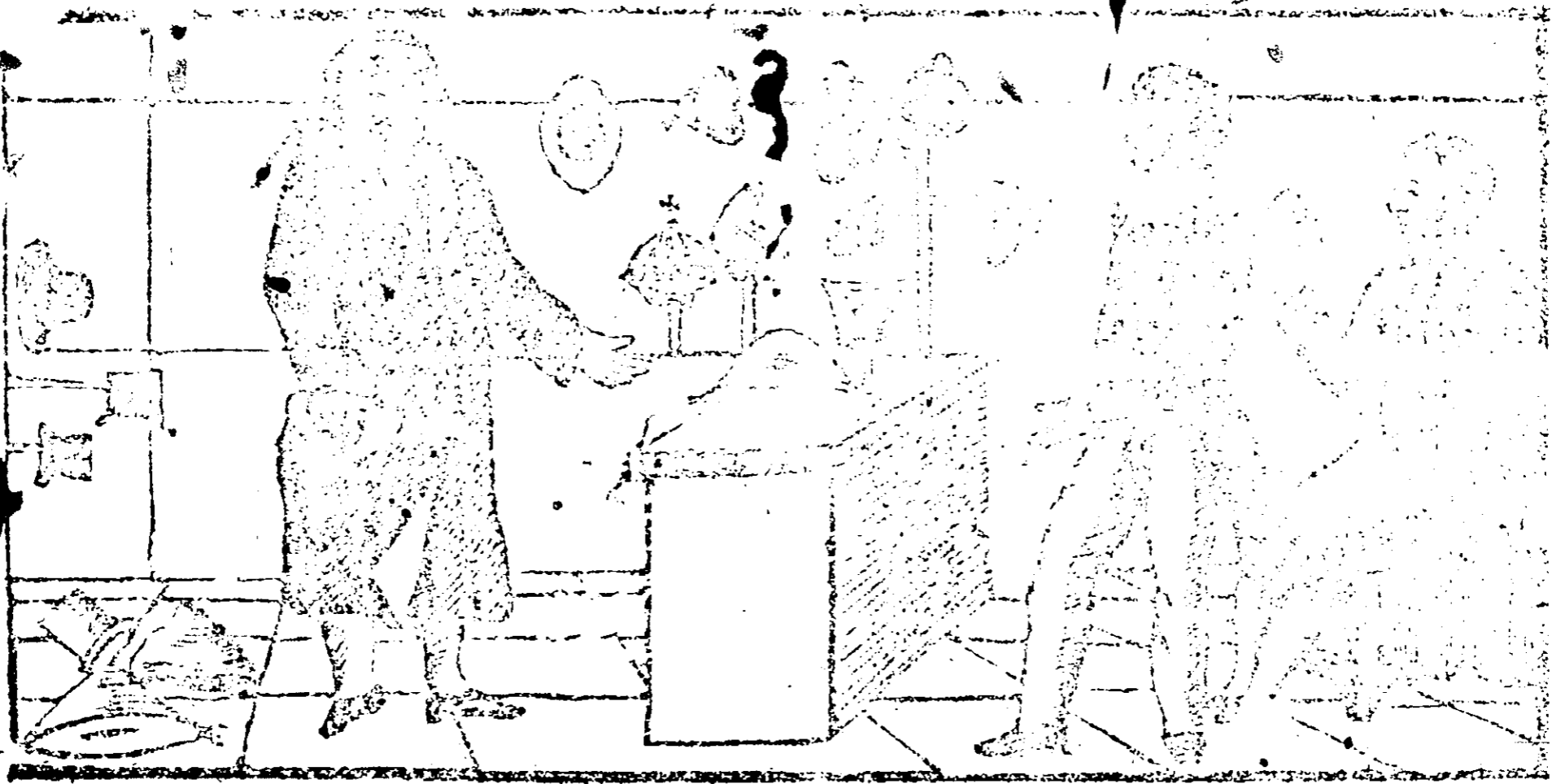


O
CARAPUCEIRO

15 DE AGOSTO
DE 1838



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SUPERACCIDENS POLICITO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas

*Religião he necessaria a todos
os homens.*

O Philosophismo grandemente atarefado na sua obra de tirar ao coração humano o unico freio poderoso contra a voltagem das paixões, ultimamente decidiu emquelle tom cathorico, que eu já ao desacompanha, que a Religião he hum instincto, hum sentimento natural, se não mero invento dos Legislaes para imbaír a incredulidade, e de arte dirigirem a seu sabor as acções humanas. Tal he a doutrina corrente de Hobbes, dos Boulangers, dos Hobbacs, e Helvecios, e do grande Patriarca Jeremias Bentham. Mas a Religião (diz La Menais) encontra-se a par do berco de todos os Povos, assim como o Philosophismo acha-se junto do túmulo, segundo a energica expressão de J. J. Rousseau; e quando aquelle pretendeo recentemente fundar hum Estado sem Religião, vio-se na necessidade de lhe dar por base ruinas, estabelecendo o poder sobre o direito de o derrubar, a propriedade sobre a espoliação, a segurança pessoal sobre

os interesses sanguinarios da multidão, e as leis sobre os seus caprixos. Esta ordem social philosophica existio alguns mezès durante os quaes vio a Europa accumular-se em seu seio mais calamidades, e crimes, do que nunca offereceo a historia dos dez seculos precedentes, de maneira que se Deos não houvesse encurtado esses dias de horror, não sei, se lhes sobreviria hum só homem, que podesse colher o fructo da mais terrivel lição, que apavorou jamais a face da terra. Digão pois o q' quizerem os Sophistas, está nomeadamente demonstrado por factos, que he impossivel dar se hum Poço d'Atheos, tanto assim que o mesmo Diderot apreciador não suspeito da sua doutrina convém nesta verdade, e tanto mais pezo tem a sua confissão, quanto foi feita em huma correspondencia particular, que não sendo para ver a luz do prelo, deve, melhor que nenhuma outra obra deste Philosophante, ayentarlhe os verdadeiros sentimentos. Eis aqui as suas formaes palavras. " Muitas vezes se tem dicto, que he impossivel, existir hum Poço Christão. Mas qual o exi-

ge o espirito do Evangelho. Porém esta proposição seria mais exacta a respeito de hum Povo Philosopho, o qual, a ser possível formar-se, ao sahir do berço, encontraria a sua ruina em o vicio da sua propria constituição." (Vid. Corresp. litter. &c. por Grimm e Diderot)

Em todos os tempos se conheceo, que a Religião he o unico fundamento dos deveres, assim como tambem os deveres, são o unico laço da Sociedade. Nada pois pode suprir a consciencia, a qual pelo contrario tudo supre. Em vão se falla aos homens em bem publico, em interesse geral; pois que o interesse particular será sempre o movel do seu coração. Não se enganarão os Legisladores d'Antiguidade, quando em vez de recitarem loucamente sobre a Religião, della se ajudarão para consolidar o edificio social: elles a estabelecerão por toda a parte, na familia, nos lares domesticos, e no Estado, como parte da constituição, e do Governo. Elles fizeram descer do Ceo as leis, e por meio da opinão ligarão o que fosse de divino a todos os acontecimentos da vida humana, a todas as instituições civis, aos mesmos objectos inanimados, aos bosques, aos rios, às pedras, que lindavão as herdades, e quem sobre pensar em taes cousas convencer-se-á, que se o Paganismo multiplicou os Deoses infinitamente, foi por causa da precisão inuita, que o homem tem da Divindade.

Sem Religião pois não há Sociedade: isto confessa a mesma Philosophia: mas o que conclue d'aqui o Philosophismo? Que huma vez que sem crenças Religiosas não pode estabelecer-se, nem conservar-se a Sociedade, forão os Legisladores os que inventarão as Religiões. Mas quem são esses Legisladores, aos quaes deve o Genero humano tão feliz ser? O Philosophismo nada responde. Ao menos aponte-nos hum só Povo, em que se visse o começo da

Religião: mas seus conhecimentos Historicos não se estendem a tanto. Porém mais que se elle remonte, sempre encontra huma crença, e hum culto anteriores, e todos os monumentos d'Antiguidade conspirão em lhe desmentir as coniecturas. Mas bem podemos dizer aos Philosophantes " Srs., V. Ss. aventurão hum facto novo, hum facto contrario a todos os documentos da Historia, e á tradição de todo o Universo: a sua simples asserção não basta para fazer baquear essa massa respeitavel de testemunhos: he precisa pois mais alguma cousa; queremos provas; provem por tanto V. Ss., ou callem-se.

O Philosophismo, que alardêa de se não curvar a nenhuma auctoridade, exigirá, que nos cruzemos cegamente á sua? Os Annaes dos Poxos tambem andão em nossas mãos: o que neste livro os Srs. incredulos, também nos podemos ler: mostrem-nos pois alguma, em que existe escripta esta proposição: *Em tal Epocha, em tal anno, ou mez inventou-se, que há hum Deos.* --- Entre tanto não falta quem, atrindo premissões de pensador profundo, e desabdoado, despreze-se de adherir ao testemunho do genero humano, para seguir, que a Religião foi invento da Politica: foi hum Facto social, só por que os profere Pythagoricamente Helveo, Bentham, &c. &c. Oh! miseria das miserias! V. Ss., Srs. Philosophantes, tem muito de celebrões. Logica de V. Ss. he se muitas bellezas " isto he assim; por que eu o afirmo, e eu o afirmo; por que não pode ser d'outra sorte." Bentham afirma, que a Religião he obra do Legislador, he hum pacto; he hum convenção social. Disse o Mestre Bentham? He quanto basta, he assim mesmo, não há, que duvidar, embora affirmem o contrario todos os documentos Historicos, embora o contrarie todo o genero humano: o que he o testemunho de todos os homens par d'uma proposi-

de Bentham, que reduz toda a Moral a cálculo? Neste systema a existencia de Deos entrará talvez na classe da conta de repartir!

Mas a Sociedade he o estado natural, o estado necessario do homem: fóra da sociedade nem concervar-se, nem reproduzir-se pode: logo a Religião, (conclue a boa Dialectica) sem a qual não pode existir sociedade, he tão necessaria, como a mesma sociedade, e por conseguinte não pode ser d'invenção humana. He certo, que o homem node postergar antigas crenças, e abraçar novas. Certas Religiões podem variar no que encerrão d'arbitrario quer em vantagem, quer em detrimento da ordem social: mas o substancial permanece sempre o mesmo, sem o que faltaria á Sociedade huma condição necessaria á sua existencia; pelo que os Srs. Philosophantes raciocinão a este respeito, como o Physico grega que da necessidade do ar para pôr em acção os órgãos, e a vida do corpo humano, concluisse, que o ar foi hum invento dos Deuses.

Mas alguns incredulos são mais condescendentes; e sustentando a falsidade de toda e qual quer Religião, reconhecem todavia a necessidade d'alguma parentenção da ordem social. Oh! que fundos pensadores! Porém a Religião (ou cá do meu cantinho) só pode ser quem lhe dá credito; por frequencia he preciso, ou que os membros da Sociedade creião na religião, ou que esta se faça necessaria a huma parte dos membros da sociedade. E como seria o maior dos absurdos crerem na Religião aquelles, que a considerão falsa; concluirão os Philosophantes, que a Religião só he necessaria ao povo, principio destruidor de toda a Religião, conforme á confissão do proprio Condorcet, o qual diz positivamente, que *se a Religião, que se permite defender, como crença, que he útil ao povo, não*

pode agitar, se não huma agonia mais, ou mais prolongada.

Advinha-se porém, que na frazeologia thecnica do Philosophismo tudo quanto tem creença he povo, ainda que seja proprio Imperante. Quando pois se sustenta, que a Religião só he necessaria ao povo, he o mesmo que dizer, que ella he necessaria a todos os homens, excepto a aquelles, que não creem, onde se segue, que se ninguem creer, não será ella necessaria a pessoa alguma. Além disto a Religião não he necessaria ao mesmo povo, se não por ser ella a base dos deveres, e a regra dos bons costumes: mas se o Philosophante se julga independente da Religião a este respeito; que outro fundamento achou elle para a Moral? Bem sei, que a incredulidade tem engenhosa, e sofisticamente procurado esse fundamento em outros principios, que não na Religião, mas tambem não ignoro que pensava Rousseau a cerca dessa pesquisa, que em ultima analyse vai parar no intuito particular. Como Philosopho, que era, conhecia elle mui bem aos seus collegas, e a esse respeito podemos estar pelo seu testemunho, que de certo não he suspeito de prevenção. Rousseau assim se exprime no seu Emilio --- "Não entendo, que haja quem possa ser virtuoso sem Religião. Por muito tempo pensei o contrario; mas a experiencia dos homens assás me tem desenganado ---" E na verdade sem ser mister descer a pessoalidades, creio que, que os Annaes Philosophicos na podem a este respeito sofrer a mais leve comparação com os Annaes Religiosos.

Mas quero conceder de barato, que o interesse bem entendido, ou qual quer outro movel da mesma estofa supra neste, ou n'aquelle individuo os preceitos obrigatorios d'huma Moral Diviua, e a consciencia; quero finalmente oar de graça, que a Religião só seja útil ao povo; ainda nesta hypotesi absurda, deve ser ella a maior sagrada das leis;

is que he a mais importante das In-
stituições. Atacala por tanto arruinála
no espirito dos homens. Lamentar o Es-
tado pelos seus alicerces, he em summa
cometter hum crime de lesa humanida-
de. mas entre os Snr. in... os, que
admittem a necessidade politica da Reli-
gião, quantos há, que não invitem to-
dos os seus esforços, cada hum segun-
do o seu caracter, e meios, hum com
seus escriptos, outro com seus discurs-
sos, e todos com seus exemplos, por de-
sacreditar a Religião e propagar a impi-
edade até ás ultimas classes do pobre
povo?

Mas os Philosophantes julgão-se des-
cartados de tudo, quando atirando com
a Religião ao povo, lhe dizem que he
para elle hum freio necessario: porém
que illusão ridicula, e pueril! E será
crível, ó incredulos, que o povo tome
essa brida, e deixe em vossas mãos as re-
deas? Não em verdade seria mui com-
modo, e bonito, não he; elle reprimir-
se por vós, e vós gozádes por elle: mas
esta vossa Arithmetica engenhosa não
metteis em conta dous algarismos essen-
ciaes, que são; o orgulho, e a cubica.
Logo que a opinião corrente, que a
Religião não he, se não hum negaça
para imbair a credulidade do povo;
quem ha hi, que queira ser povo, que
queira sugstar-se a obrigações pesadas,
e custosas para adquirir a triste nomeada
de tollo? Cada hum pois modelando se
pela classe, q' lhe fica superior, pensará
elevantar-se com ser incredulo, e tambem
ná repetindo com ar sobranceiro, e
desdenhoso, que isso de Religião só ser-
ve para povo. Os Grandes a impurra-
ão desprezivelmente para os Magistra-
des, estes para os simplices cidadãos,
estes para os Artistas, os Artistas para
os jornaleiros, estes finalmente para os
mendigos, que a olharão com indiffe-
rença! Eptão esta Filha do Ceo, seme-
lhante a esses Mensageiros Divinos, de-
põe os fallão os Livros Santos, estran-
geira no meio das Sociedades humanas,

buscando em balde hum jazida de
novo, ver-se á na dolorosa necessidade
de se assentar sobre as pedras das pla-
ças publicas, torneada de humo multi-
dão escarnecedora, que se envergonha-
rá de offerecer-lhe hum azilo hospita-
leiro; finalmente a Religião sob esta
vergonhosa pyphothi, dizendo-lhe ser
só necessaria ao povo, viria a não ser
necessaria a pessoa alguma.

Mas a razão, a experiencia, tudo nos
ensina, q' se a Religião he necessaria ao
povo, ainda mais o he aos ricos, aos
des aos poderosos, aos felizes do secu-
lo; por q' só ella, pode pôr freio ás suas
paixões desordenadas, só ella lhes faz ver
além do tumulto hum Deos sempre justo
inexoravel vingador da iniquidade. E se
a Religião, identificada com o homem
desd'o berço, muitas vezes não he bas-
tante a empecer-lhe os passos na estrada
carreteira dos vicios, que outro modo
terá este? O Magist... inengio-
oso, por ex., se se tornar corrupto,
e venal, quem o conterá em suas má-
versações? Augmentem quanto quize-
rem o tributo d'hum destes, de cem
20, ou 30 contos de reis por anno; e
ella não se salvar da consciencia, se não
tiver em fim temor de Deos, quan-
to mais possuir, mais cubiçará, e cada
mais venderá a justiça a pezo d'ou.
Concluamos pois, que a Religião
necessaria, he indispensavel a
natureza humana.

• ANECDOTA.

O Presider... Jeannin, hom...
merito, foi enviado Embaixador a Hespanha.
Queixarão-se os Hespanhoes do pouco caso,
que delles fazia o Rei de França, mandando-
lhes hum Diplomata, que nem fidalgo era.
Quando pois o Embaixador foi introduzido á
audiencia do Rei, este lhe perguntou " Sois
fidalgó? " Ao que respondeo -- Sim, se a-
dão o foi -- E de quem sois filho? (prose-
guio o Rei) " Das minhas virtudes (repli-
cou Jeannin); e estas palavras, cheias de no-
breza, e de verdade, o fizeram grandemente
accito, e amado do Rei d'Hespanha.